

### O BRASIL RESSURGE COMO PRODUTOR DE ALGODÃO

Claudio Lasas <sup>(1)</sup>

**O** ano de 1990 dificilmente será esquecido pelos brasileiros. O então presidente da república, Fernando Collor de Mello, decidira confiscar os depósitos bancários, ao mesmo tempo reduzindo as alíquotas de imposto de importação, numa tentativa de controlar a inflação do País, àquela época ao redor de 1.280% ao ano.

Assistimos, atônitos, à falência de um grande número de empresas que não se encontravam preparadas para enfrentar um mercado aberto à competição global. A indústria têxtil foi uma das mais afetadas. As empresas sobreviventes tiveram que rever suas políticas organizacionais, reduzir seus quadros de pessoal e aumentar sua eficiência, tornando-se, assim, competitivas junto ao novo e desconhecido mercado.

Todo esse esforço teve resultados bastante positivos. A inflação no Brasil está desde 1994 em patamares próximos a 11% ao ano e a economia doméstica ganhou a confiança do mercado mundial. Temos hoje uma indústria moderna, eficiente e competitiva.

A indústria têxtil tem agora outras preocupações, sendo uma delas a produção interna de algodão. Há hoje um entendimento global de que a indústria têxtil baseada

na fiação de algodão tende a ser mais compe-  
titiva nos países em que a fibra é produzida. No Brasil, o algodão é responsável por, aproximadamente, 70% das fibras usadas pelo segmento têxtil, competindo com poliéster e liocel, entre outros. Até 1997 a produção estava em declínio e, naquele ano, conseguia fazer face a somente 35% do consumo doméstico.

A partir de 1998, observamos uma reação conjunta da indústria, produtores, governo e instituições privadas, visando-a atingir auto-suficiência do Brasil no suprimento da fibra, uma condição sine qua non para o sucesso da indústria a longo prazo.

Prevê-se para 1999/2000 uma safra de cerca de 600 mil toneladas de fibra, o que seria capaz de cobrir 70% do consumo total estimado para este ano. Entretanto, não podemos considerar esse número, pois suspeita-se que 10% dos negócios de algodão sejam feitos no mercado negro (não oficial). Estimamos, então, que a safra total possa atingir 660 mil toneladas em 1999/2000 e consideramos factível uma produção de 1 milhão de toneladas já nos próximos 2 ou 3 anos.

O aumento a que nos referimos não tem uma causa isolada, sendo antes o resultado de uma série de fatores e agentes atuando juntos para o mesmo objetivo.

Como primeiro fator temos o Estado de Mato Grosso surgindo como a principal região produtora, superando São Paulo e Paraná, líderes de produção até 1996, cuja produtividade chegava a 1.230 kg/ha. Os produtores mato-grossenses passaram a interessar-se por algodão após a queda dos preços da soja. Ocorre que as condições climáticas, em algumas regiões do estado, parecem ser perfeitas para o plantio de algodão. Rondonópolis, por exemplo, conta com 60 a 80 polegadas de chuva anualmente e tempo seco a partir de maio, época da colheita.

O clima propício, aliado à pesquisa de variedades, permitiu aumentos de produtividade da ordem de 150% nos

(1) Assessor da Santista Têxtil.

últimos 4 anos. A pesquisa de novas variedades é feita localmente, pela Fundação Mato Grosso, uma associação formada pelos produtores da região de Rondonópolis. A produtividade de algodão em bruto em áreas de até 5.000 hectares pode alcançar 250 arrobas por hectare e a média na região é estimada em 200 arrobas por hectare. A qualidade varia entre Strict Middling (tipo 4/5) e Strict Low Middling (tipo 5/6 shy), comprimento da fibra de 1-1/16 a 1-1/8, micronaire de 3.5 a 4.9 e resistência de 27 a 31 gr/tex.

O governo de Mato Grosso apoia a produção através de programas como o PROALMAT (Programa de Apoio à Cultura do Algodão em Mato Grosso), que beneficia os produtores com diferimento de até 75% do ICMS. Em contrapartida, exige-se dos participantes desse programa a aplicação de normas de controle ambiental e a utilização de sementes certificadas para assegurar a qualidade dos fios.

Como resultado desses fatores, Mato Grosso foi, em 1999, responsável por 46% da produção total de fibra do País. A qualidade do algodão produzido em Rondonópolis, juntamente com a alta produtividade contribuem para a instalação nessa região do primeiro pólo têxtil de Mato Grosso. O governo do estado e a prefeitura da cidade criaram programas para atrair grandes fiações e tecelagens, a fim de incentivar a criação de empregos no campo.

Investimentos também foram feitos na infra-estrutura, para melhorar as condições de transporte. Mato Grosso será conectado aos três maiores portos do País por ferrovia. Hidrovias serão uma solução para embarques de carga aos parceiros do Mercosul e também permitirão transporte multimodal para a costa leste dos Estados Unidos, Europa e Canadá.

Uma rodovia estará disponível para transportar bens, através da Bolívia, para o Chile e para o Peru, contribuindo dessa forma, para incrementar o comércio com a costa oeste dos Estados Unidos e com o sudeste asiático.

Está prevista ainda a instalação de um porto seco (EADI) e do maior terminal de cargas da Ferronorte, o que deve contribuir para a competitividade do estado.

O governo federal também tem tido um papel importante no aumento da produção, uma vez que está interessado em baixar o déficit da balança comercial e em aumentar o emprego no campo. Vários instrumentos de financiamento já foram usados, como os Empréstimos do Governo Federal (EGF) e a venda de opções (puts) aos produtores. Entretanto, a indústria como um todo necessita de melhores instrumentos de financiamento com taxas atrativas para toda a cadeia produtiva.

A excelente safra deste ano é um pesadelo para os produtores do Mato Grosso, que não estão habituados às reduções de preço existentes no início da safra, quando há um grande volume sendo oferecido ao mercado. A situação é agravada pelas importações do ano passado, cujas entregas atrasaram e estão chegando agora ao mercado, juntamente com o produto brasileiro.

Em junho, o índice ESALQ atingiu US\$ 47,85 centavos por libra para o tipo 6 (Strict Low Middling Shy). O ministro da Agricultura reuniu-se com os produtores para achar uma solução para a comercialização de algodão. Novos programas devem ser anunciados nos próximos dias para permitir à indústria comprar algodão, mesmo quando os preços domésticos estiverem muito baixos. Algumas alternativas podem ser as Notas Promissórias Rurais (NPR ou DR), o Prêmio de Escoamento de Produção (PEP) ou ainda as Aquisições do Governo Federal (AGF).

Representantes da indústria estiveram em Mato Grosso, em maio passado, para analisar a qualidade do algodão e para fazer alguns negócios. Os produtores, entretanto, estão agora interessados em sua inserção no mercado internacional. Serão visitados, em julho, pela ITMF.

A indústria têxtil no Brasil tem muitos motivos para se manter otimista: novas regiões em Mato Grosso mostraram ter excelentes condições para a safra de algodão; investimentos foram feitos; o governo está interessado e quer contribuir para manter índices crescentes de produção. Num futuro próximo, o mercado mundial irá se deparar com um Brasil auto-suficiente na produção de algodão e grande na exportação de boa fibra, a preços competitivos.